

## A existência do outro: A Garota Dinamarquesa<sup>1</sup>

Gabriela da Silva<sup>2</sup>

Nesta resenha busco analisar o problema da realidade humana a partir do “olhar do outro”, em especial, dos sujeitos transgêneros, pouco ou quase nada narrado na literatura. A partir desta perspectiva de análise e compreensão utilizo os estudos de gênero e os conhecimentos literários como um dispositivo teórico e prático para falar sobre o reconhecimento transgênero e seu aparecimento na história da sociedade contemporânea.

106

### Entrelaçando vidas

É sem dúvida um desafio para uma pessoa que se constitui a partir do “olhar do outro”: o da negação, da subversão e da abjeção, resenhar uma obra em que o foco central se situa na discussão de gênero. Ou melhor, a partir da experiência de vida de um sujeito transgênero, compreender e realizar uma releitura da história do passado e das identidades constituídas como transgressoras.

Por este fator não há como deixar de me reconhecer em muitas páginas narradas nesta história. Entretanto, não parto da história como elemento central ou como recorte de minha escrita, mas procuro mediar a reflexão em torno do objeto de estudo, o fenômeno transgênero na literatura analisando a experiência de gênero e de sua estrutura narrativa numa linguagem literária.

Assim sendo, ao me afirmar como pessoa transgênero, meu olhar é mais do que de uma mera pesquisadora interessada neste fenômeno, simplesmente descrevendo-o. Ao mesmo tempo, torno-me sujeito-objeto da reflexão e análise transcritas nestas linhas. Por isto, é necessário tornar este movimento visível,

---

<sup>1</sup> Resenha do livro de literatura do escritor Davide Ebershoff, tradução de Paulo Reis. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Fábrica231, 2016. Tradução de: The danish girl.

<sup>2</sup> Graduada em Letras Português/Literatura/Inglês - Universidade do Sul de Santa Catarina; Especialização em Fundamentos da Educação - Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina; Mestra em Educação - Universidade do Sul de Santa Catarina; Professora da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina EJA; Mulher travesti ativista do movimento LGBTTT.

quebrando o silêncio e desafiando as normas de sexo/gênero, abrindo novas possibilidades para os estudos das identidades transgêneros.

Reconheço que é de suma importância situar nosso leitor sobre minha identidade, a qual perpassa meu olhar e minha escrita porque de alguma forma como observa Scott (1998, p. 300) “olhar é a origem do saber. Escrever é reprodução, transmissão – a comunicação do conhecimento adquirido através da experiência”.

Parto desta experiência e de tantas outras a fim de resenhar esta obra vivência de Lili Elbe, de minha e de tantas pessoas transgêneros que na história da designação do outro procurou distinguir, estigmatizar ou mesmo atribuir preconceitos e discriminação a pessoas a partir das normas de sexo/gênero.

Esta obra permite que o outro nos abra um campo de possibilidades para nos construirmos como identidade. Afirma Sartre (2014, p. 290) “O Outro é mediador indispensável entre mim e mim mesmo”. Por isto, nas histórias narradas pelo outro posso aparecer como objeto de abjeção ou de reconhecimento. O filósofo Sartre propõe em sua análise a necessidade da presença do outro em nossa afirmação, pois “Reconheço que sou como Outro me vê” (SARTRE, 2014, p. 290).

Neste processo dialético percorro a cena do debate a partir do livro “A Garota Dinamarquesa” do escritor David Ebershoff como fonte de compreensão da realidade humana de pessoas transgêneros narrada nesta literatura. Busco dar voz a uma realidade pouco explorada nos “ditos” cânones literários, que produzem e reproduzem realidades em ambos os sujeitos, assim afirma Sartre (2014, p. 291) sobre “a existência do Outro; depois, sobre minha relação de ser como ser do Outro”.

### **Compondo o corpo num quadro**

No primeiro capítulo, página sete do livro, o escritor David Ebershoff abre sua nota argumentativa afirmando que sua obra se estrutura como uma narrativa ficcional inspirada na história de Lili Elbe. Entretanto, podemos reconhecer seu valor literário como possibilidade social, cultural e histórica, para assim, construirmos memória e identidade transgêneros.

Para tanto, os estudos transgêneros se constituem em parte pelo aumento da visibilidade destas identidades e expressões na contemporaneidade, pois como afirma Lanz (2015, p. 34) “definindo-os como uma área acadêmica inter e multidisciplinar com objeto próprio, que são os corpos, as memórias e as subjetividades de pessoas transgêneras”.

Também em seu discurso, o escritor considera que a história, tal como narrada, com detalhes de lugar, tempo, linguagem e vida interior, é uma invenção de sua imaginação. Porém, esta imaginação ganharia vida corpórea se materializando em um livro. Isto não teria significado caso o escritor não se debruçasse sobre as leituras de entrevistas (memórias) concedidas por Lili Elbe. Esta possibilidade de escrita não ganharia também as telas do cinema. Sua fonte de pesquisa se constitui pelas leituras dos jornais da época, como diários e correspondências escritas pela personagem central.

O material pesquisado torna-se elemento central e instrumento do resgate da memória e da identidade de sua personagem, possibilitando o reconhecimento de experiências narradas numa obra literária de um ser abjeto, ou mesmo invisibilizado na história da humanidade. Por isto, é importante lembrarmos o que observa Venson e Pedro (2012, p. 126) “memórias, em análise narrativa, na interpretação daquilo que é lembrado e esquecido, nos contraditos e repetições, na elaboração de significados, nos modos de dizer”.

A importância desta obra literária para o contexto social, cultural e político contemporâneo contribui para os estudos transgêneros, fazendo-nos repensar como as transgressões não conformativas de sexo/gênero deixaram de ser relatadas na história, invisibilizando algumas identidades. Podemos também nos apropriar desta categoria para compreendermos e situarmos as narrativas dos monstros, ou das subjetividades de transgêneros e a intenção normativa, situando-as fora da ordem natural, e que em muitas histórias, confere aos mesmos a abjeção como alternativa de exclusão. Este sujeito abjeto descrito segundo Butler (2002, p. 161) como se constituindo no “discurso como a figura absolutamente não questionada, a figura indistinta e sem conteúdo de algo que ainda não se tornou real”.

Advertindo-nos de como um romance ficcional, neste caso “A Garota Dinamarquesa”, se instaura no que Butler (2002, p. 157) considera como as narrativas de “modos de possibilidades ou campo de possibilidade para vidas corpóreas”, tratando-as como forma de sobrevivência ou de narrativas que afirmam a existência de sujeitos transgêneros. Esta talvez seja a legitimidade da obra: situar a existência de corpos abjetos em realidades obscuras.

### **Tecendo a obra**

O livro “A Garota Dinamarquesa”, de David Ebershoff, baseia-se em uma história verídica, ocorrida em 1926, em Copenhague e Paris. Neste período, a Europa

ainda vivia os efeitos das transformações e mudanças produzidas pela “Belle Époque”, expressão que se refere às transformações culturais e de costumes que se traduziam em novos modos de pensar e viver o cotidiano. Dentre as mudanças produzidas por esta nova forma de pensar e viver destacam-se o abandono do uso de espartilhos pelas mulheres, o corte de cabelos na altura do queixo, a pintura dos lábios de vermelho, e o hábito de fumar em público. Todas essas transgressões do papel da mulher na sociedade da época compunham um novo cenário no campo das liberdades de expressão anunciando um novo corpo sexualizado. Entretanto, havia normas e tabus de gênero que não sofreram transformações.

Neste contexto, a obra de arte como um dispositivo educativo, nos abre a possibilidade de desvelar um mundo oculto, sendo de fundamental importância na aprendizagem de novas identidades sociais e contribuindo para o processo de formação da individualidade para si. Neste sentido, de forma romanceada, com uma beleza estética tocante, as páginas do livro nos mostram o processo de constituição e reconhecimento de Einar em Lili Elbe.

Como espaço de afirmação, a obra conferiu aos leitores, talvez, umas das primeiras aparições do fenômeno transgênero na contemporaneidade. Por isto, os estudos de gênero, nesta reflexão, fornecem a fundamentação teórica mais pertinente para realizar a análise da representação das identidades de gênero na literatura. Como podemos verificar na afirmação de Lanz (2015, p. 33) que os estudos transgêneros se ocupam com “as narrativas de vida e organização social de pessoas e comunidades transgêneras”, e da transgressão das normas de sexo/gênero.

A transgressão também produz conflitos psíquicos, constituídos pelas influências socioculturais e biológicas do gênero, em oposição à percepção interna subjetiva que a personagem do livro vive. Para estes questionamentos, Sartre observa a importância de também pensarmos o “outro” na constituição de “mim”, pois segundo o filósofo, o outro nos possibilita revelar (SARTRE, 2014, p. 289) “um ser que é meu sem ser-para-mim”.

Nas descrições narradas no livro fica muito presente que Lili não se reconhece com um gênero divergente do biológico por motivo de vergonha. Esta vergonha impossibilita revelar a existência de um ser que não é reconhecido por “mim”. Assim foi se constituindo a existência de Lili, o que abriu um campo de possibilidades necessário ao reconhecimento do “outro”, surgindo uma nova realidade.

Por este fator, tanto a esposa de Lili Elbe serviu como elemento fundamental de sua existência, como a publicação do romance do escritor, pois são elementos constitutivos destas vidas negadas pela história. Podemos observar em uma das passagens do livro, em que é narrada uma cena, a seguinte expressão (EBERSHOFF, 2016, p. 11) “sua esposa percebeu primeiro”, remetendo à importância da percepção do outro na constituição do sujeito.

Coloca-se aqui a importância de dar vida e existência a uma identidade do “eu” narrada nos jornais da época. Deste modo, foi de fundamental importância as leituras das entrevistas em que Lili relata sua experiência de vida para produzir sentido e significado ou “episteme de gênero”. Segundo Butler (2002, p. 92) “o meio pelo qual se produz a constituição do sujeito não é igual à forma narrativa que a reconstrução dessa constituição tenta fornecer”. Por isto há necessidade de afirmar o gênero narrativo como ficcional, pois nem sempre podemos reconstruir a realidade vivida tal como ela se apresentou em uma dada época.

### **Nuances da pintura: um corpo em obra**

A metáfora da pintura do quadro, utilizando-se da linguagem da arte na narrativa descritiva de Lili, confere uma relação entre o “Eu e o Outro”. Isto vai muito além das dimensões subjetivas e intersubjetivas, sendo sua finalidade afirmar a existência desta história ambientando o leitor em diferentes espaços sociais, a fim de promover uma trajetória para a expansão da liberdade do espírito em direção à autoconsciência de si. Como Lili Elbe constrói esta consciência de si?

Neste caso, podemos verificar em algumas passagens da obra como foi de extrema importância o reconhecimento do olhar do outro sobre a identidade de gênero de Einar, que subvertia as normas de sexo/gênero de nascimento, por meio de uma identidade que expressava a linguagem do seu corpo, gestos, atitudes e comportamentos associados ao universo feminino. Como questiona Lanz (2015, p. 179) “eu sou o que eu visto ou o que eu visto é que me faz ser quem eu sou?”

Este questionamento de “quem eu sou” é muito recorrente na narrativa, antes mesmo de Lili Elbe se reconhecer como outro gênero, divergente das normas sociais da época. As pessoas que circulavam ao seu redor já questionavam sua identidade de gênero. Neste sentido, pode-se afirmar que a consciência de minha existência depende da interação e, sobretudo, do reconhecimento que os outros atribuem a mim, pois é na relação com o Outro - como exterioridade objetiva - que me faço e me percebo como Eu. Segundo Hegel (1999, p. 126) “a consciência de si é

em si e para si quando e porque é em si e para si para outra: quer dizer que só é como algo reconhecido”.

O escritor, de forma poética, descreve como vai pintado Lili atribuindo significado, existência e vida ao que já estava latente em seu inconsciente como afirma Sherrine Njaine. Em seu livro “Metamorfoses do corpo: uma pedagogia freudiana”, Borges (1996, p. 136) afirma “Uma representação inconsciente prévia à existência de outrem, uma representação que já se acha ali e na qual virá escorar-se a realidade externa da pessoa do outro ou de qualquer de seus atributos vivos”. Por isto o autor traz para a narrativa a presença do “outro” como agente construtor de uma identidade e de uma representação para além da pintura de uma tela do quadro, produzindo uma realidade externa, materializando Lili Elbe na vida real.

### Referências Bibliográficas

BORGES, S. N. **Metamorfose do corpo: por uma pedagogia freudiana**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996.

BUTLER, J. Como os corpos de tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, vol.10, nº. 1, Florianópolis, jan., 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100009>.

EBERSHOFF, D. **A Garota Dinamarquesa**. Rio de Janeiro: Fábrica231, 2016.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

LANZ, L. **O corpo da roupa: a pessoa transgênero entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica**. Trad. Paulo Perdigão, 23. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCOTT, J. W. **A invisibilidade da experiência**. Projeto História, São Paulo, (16) de fevereiro de 1998, Trad. Lúcia Haddad; Ver. Técnica: Marina Maluf.

VENSON, A. M.; PEDRO, J. M. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. **História Oral**. V.15, n.2., p. 125-139, jul-dez 2012.

Recebido em: 11/12/2017

Aprovado em: 19/01/2018